

Centro superior de Ensino – UniAcademia/JF
Matheus Alcântara Alves

**A Teoria do Conhecimento de Immanuel Kant e a sua inspiração na Revolução
Copernicana**

Juiz de fora
2021

Matheus Alcântara Alves

**A Teoria do Conhecimento de Immanuel Kant e a sua inspiração na Revolução
Copernicana**

Monografia apresentada à diretoria do curso de graduação do Centro Universitário Academia de Juiz de Fora – MG, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em Filosofia.

Juiz de Fora

2021

A Teoria do Conhecimento de Immanuel Kant e a sua inspiração na Revolução Copernicana

ALCÂNTARA, Matheus Alves, **A Teoria do Conhecimento de Immanuel Kant e a sua inspiração na Revolução Copernicana**. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Licenciatura em Filosofia, do Centro Universitário Academia, realizado no 2º semestre de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Pe. Laureandro Lima da Silva (UniAcademia)

Orientador

Prof.^a Me. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles (UniAcademia)

Prof.^a Dra. Mabel Salgado Pereira (UniAcademia)

Dedico este trabalho a mim mesmo pelo esforço em continuar relutante no objetivo de me tornar um bom professor no cenário atual, no qual se precisa tanto de pessoas apaixonadas pelo conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer especialmente a minha Mãe Eni Alcântara que, desde sempre, teve confiança que eu iria conseguir completar o curso, me incentivou em todos os momentos que eu pensei em desistir. Devo salientar que se estou aqui hoje escrevendo este agradecimento é por conta da minha mãe sempre ter se esforçado ao máximo para garantir que eu seja alguém na vida, portanto muito obrigado.

Ao meu Pai, Claudinei, que mesmo não estando presente fisicamente comigo, sempre pude contar, pois o mesmo sempre esteve ao meu lado em pensamentos e quando precisei resolver conflitos internos.

Ao meu padrasto, Paulo Castilho, que sempre me apoiou em minhas decisões e sempre me aconselhou querendo o melhor pra mim, além de sempre me dar o apoio necessário para frequentar as aulas, seja com caronas ou em apoio moral.

Ao corpo docente do Uni academia, que sempre estiveram do meu lado quando precisei tirar minhas dúvidas e sempre me apoiaram em qualquer procedimento que eu precisei, em destaque meu orientador e mentor, professor Laureandro.

Em especial, a minha coordenadora Regina, que sempre esteve presente na minha formação em tudo que eu precisei, seja em apoio nos procedimentos acadêmicos quanto em apoio moral para cumprir meus projetos de vida.

Ao meu querido professor, André, que foi minha inspiração para seguir essa carreira como educador.

Agradeço também, ao meu grupo de trabalho que estou hoje que é a Drogasil Shopping Independência, pois os mesmos fizeram toda a diferença nessa reta final do meu curso, sempre me incentivando em continuar e me ajudando nas burocracias de horários em que precisei reservar para meus estudos.

Uma dedicatória também, aos meus queridos amigos, que sempre estiveram em meu coração e sempre me incentivaram em tudo que precisei, seja com apoios físicos, espirituais ou emocionais.

“SE EU VI MAIS LONGE, FOI POR ESTAR SOBRE OMBROS DE GIGANTES.”

ISAAC NEWTON

RESUMO

O Trabalho de Conclusão de Curso “A Teoria do Conhecimento de Immanuel Kant e a sua inspiração na Revolução Copernicana” objetiva analisar o prefácio da segunda edição da *Crítica da Razão Pura*. A questão central é: como filósofo de Königsberg analisa o caminho seguro da ciência e também como a razão pode descobri-lo? Procuramos compreender como a revolução de Kant é comparável à de Copérnico na astronomia. Mostramos que ele investiga as questões da Lógica, da Física, da Matemática e da Metafísica. Demonstramos que as ciências oferecem apoio ao filósofo e apresentam um conjunto de conhecimentos certos indiscutíveis. Assinalamos que o filósofo estudou o motivo do avanço das ciências e o do não progresso da Metafísica. Expomos que Kant chegou à conclusão de que a Matemática e a Física se constituem como ciências e apresentam verdades verificáveis pela própria razão, enquanto a metafísica perdia a mesma validade. Apresentamos que o autor assinala o problema do conhecimento a partir de suas condições e possibilidades. Enfim, o filósofo Kant discute os problemas do pensamento metafísico; investiga o problema de Deus; e as questões da liberdade e da imortalidade. Tais assuntos são importantes na atualidade, pois estão presentes nas experiências do ser humano e também colocam desafios para o indivíduo pensar as suas novas relações com o mundo tecnológico. Na teoria do conhecimento de Immanuel Kant repercute, com certeza, as grandes questões das ciências e também da humanidade.

Palavras-chave: *Crítica da Razão Pura*. Teoria do Conhecimento. Revolução Copernicana. Metafísica. Immanuel Kant.

ABSTRACT

The Graduation Final Paper “Immanuel Kant’s Theory of Knowledge and its inspiration in the Copernican Revolution” aims to analyze the foreword of the second edition of Critique of Pure Reason. The central question is: How does the philosopher of Königsberg evaluate the safe path of science and how can reason discover it? It is sought to understand how Kant’s revolution is compared with that of Copernicus in astronomy. It is shown that he investigates the questions of Logic, physics, mathematics, and metaphysics. Science is shown to support the philosopher by presenting a set of undisputable certain knowledge. It is highlighted that the philosopher studies the reason behind the advance of science and the non-advancement of metaphysics. It is exhibited that Kant came to the conclusion that mathematics and physics are constituted as sciences and present verifiable truths by reason itself, whereas metaphysics would lose the same validation. The knowledge issue is signed by the author from its conditions and possibilities. At last, the philosopher Kant debates the problems of metaphysical thought; investigates the problem of God, and the questions about freedom and immortality. Nowadays, these are important problems, since they are in the experiences of humans and also put challenges to the individual to think about his new relation with the technological world. Immanuel Kant’s Theory of Knowledge certainly resonates the greatest questions of science and also of humanity.

Keywords: Critique of Pure Reason. Theory of Knowledge; Copernican Revolution, Metaphysics, Immanuel Kant.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. A REVOLUÇÃO COPERNICANA DE KANT	10
2.1 Significações da Revolução operada por Kant	11
2.2 O sentido de Copérnico e da ideia da Revolução Científica	13
2.3 O Método Reflexivo adotado por Kant	15
3. O PROBLEMA DAS CIÊNCIAS	17
3.1 A Lógica.....	18
3.2 A Matemática Transcendental	21
4. A QUESTÃO METAFÍSICA	22
4.1 Os Conceitos Metafísicos E A Crítica De Kant.....	23
5. O SUJEITO MODERNO.....	26
5.1 A formulação do Sujeito para Kant	27
6. O CONTEXTO PARA A REVOLUÇÃO COPERNICANA.....	29
6.1 Notas sobre os pensadores que influenciam Kant.....	30
6.2 Immanuel Kant e o Despertar de seu Sono Dogmático.....	33
7. HERANÇAS DE IMMANUEL KANT	37
7.1 O mundo afetado por Kant e a valorização de seu pensamento	38
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS.....	41

1. INTRODUÇÃO

A concepção de racionalidade vem sofrendo variações no decorrer da história. Este conceito tem sido o pontapé inicial para a evolução humana e continua ajudando a manter o progresso da vida. Para que haja o uso da racionalidade é necessário que se tenha a experiência para que se possa organizá-la e assim se construir o conhecimento.

Após o modernismo de Descartes, que coloca a racionalidade em um pedestal e afirma que só existimos porque pensamos, o foco dos estudos naquela época deixou de ser a experiência para ser o sujeito, e como o mesmo interpreta o mundo ao seu redor.

A racionalidade é o que move o agir humano desde que começamos a evoluir. Perguntas como: “de onde viemos?”, “para onde vamos?”, “quem somos?”, “porque estamos aqui?”, tem movido o conhecimento rumo à sua evolução. Em tempos gregos, esse tipo de pergunta era respondido com mitologia. Na época medieval foi respondida com metafísica. Como responder esse tipo de pergunta em uma época como o modernismo onde o foco do conhecimento é o próprio sujeito?

Quando colocamos o homem no centro do conhecimento, colocamos também perguntas mais complexas, já que as respostas anteriores foram deixadas de lado, e agora não temos mais uma base transcendental para que possamos apoiar nossa existência, e com isso, o homem passou a valorizar o método de se realizar o fenômeno e não a causa do fenômeno em si, ou seja, aprendemos a valorizar o jeito de se construir uma mesa mas não valorizamos a origem da matéria prima, uma vez que a mesa a se encontra disponível para o uso.

Contudo, coisas materiais são predestinadas ao seu uso, ou seja, a mesa está sendo criada para que possamos colocar nossos pratos, e assim, poder se alimentar sobre ela. Contudo, quando se fala do ser humano, o mesmo não tem uma causa, ou seja, o ser humano foi criado para qual objetivo? E como vamos responder a essas perguntas em uma época onde foram abandonados os métodos transcendentais e foi valorizado o método do conhecimento humano?

2. A REVOLUÇÃO COPERNICANA DE KANT

No primeiro plano da pesquisa, discutiremos a revolução copernicana de Kant. Tentaremos compreender como a revolução de Kant é comparável à de Copérnico na astronomia. Com o objetivo de apresentar a questão, organizamos o capítulo em três momentos. Primeiramente, trataremos da significação da revolução operada pelo filósofo de Königsberg. Na sequência, debateremos sobre o sentido de Copérnico e da ideia da Revolução Científica e, finalmente, discorreremos sobre método reflexivo adotado por Kant.

Primeiramente, devemos entender que Kant separa o entendimento em duas vertentes: que seria a vertente do entendimento anterior a ele e a vertente do entendimento proposto pelo mesmo. Assim, Immanuel Kant realiza uma crítica ao jeito em que se pensava que o conhecimento era construído até o momento. Desta forma, podemos ver essa crítica bem nítida no prefácio da segunda edição do livro *Crítica da Razão Pura*, escrito por Kant em 1787.

Pode reconhecer-se que a lógica, desde remotos tempos, seguiu a via segura, pelo fato de, desde Aristóteles, não ter dado um passo atrás, a não ser que se leve à conta de aperfeiçoamento a abolição das algumas subtilezas desnecessárias ou a determinação mais nítida do seu conteúdo, coisa que mais diz respeito à elegância que à certeza da ciência. Também é digno de nota que não tenha até hoje progredido, parecendo, por conseguinte, acabada e perfeita, tanto quanto se nos pode afigurar. Na verdade, se alguns modernos pensaram alargá-la, nela inserindo capítulos, quer de psicologia, referentes às diferentes faculdades de conhecimento (a imaginação, o espírito), quer metafísicos, respeitantes à origem dos conhecimentos ou às diversas espécies de evidência, consoante a diversidade dos objetos (idealismo, cepticismo, etc.), quer antropológicos, relativos aos preconceitos B VIII (suas causas e remédios), provém isso do seu desconhecimento da natureza peculiar desta ciência. Não há acréscimo, mas desfiguração das ciências, quando se confundem os seus limites; porém, os limites da lógica estão rigorosamente determinados por se tratar de uma ciência que apenas expõe minuciosamente e demonstra rigorosamente as regras formais de todo o pensamento (quer seja *a priori* ou empírico, qualquer que seja a sua origem ou objeto, quer encontre no nosso espírito obstáculos naturais ou acidentais) (KANT, 2001, p. 40-41).

Anteriormente ao pensamento em questão, se acreditava que o conhecimento sobre determinado objeto seria as informações que este poderia lhe passar até que você tenha total conhecimento do como é o objeto e o que ele seria tal objeto, e este, até o momento, seria o conhecimento seguro até então. Kant aposta na ideia de que seja o contrário, e assim o conhecimento seguro estaria no que o Homem pode aprender sobre o objeto, no caso focando na capacidade de entendimento humano e

não em informações passadas pelo objeto visualizado, assim como fez Nicolau Copérnico, ao propor a teoria Heliocêntrica onde a teoria vigente era a geocêntrica, tirando assim a terra como centro do universo (SILVA, 2016).

2.1 Significações da Revolução operada por Kant

Kant almejou solucionar os problemas do conhecimento humano motivado pelo espírito da revolução copernicana. Pode-se dizer que ele realizou uma revolução comparável à de Nicolau Copérnico (1473-1543) na astronomia. A filosofia Kantiana carrega elemento inovador no modo de encarar a relação entre faculdade do conhecimento e objeto (SILVA, 2016).

Ele inspira-se no astrônomo polonês para realizar sua empreitada no campo da investigação da razão humana. A revolução de Kant resultou na inversão nas relações entre a ordem da faculdade conhecer e o objeto. Isto é, “ao invés de admitir que a faculdade conhecer se regula pelo objeto mostrar que objeto se regula pela faculdade conhecer.” (KANT, 1987, p. 10). A filosofia de Kant acompanha a ideia de possível existência de princípios *a priori* e tais fundamentos são responsáveis pela síntese dos dados empíricos. E, por conseguinte, precisariam ser encontrados nas faculdades da sensibilidade e do entendimento.

A vida de Kant é marcada por grandes acontecimentos. Vale destacar suas leituras das obras de David Hume (1711-1776) e, ao mesmo tempo, a sua admiração pelo pensamento de Rousseau (1712-1774). Tais autores são importantes influências. A nossa pesquisa seguirá, principalmente a inspiração de Kant no astrônomo Nicolau Copérnico. Para Danilo Marcondes (2016), Copérnico é possivelmente a figura mais representativa da Revolução Científica, que chega mesmo a se confundir com sua obra, sendo por vezes chamada de Revolução Copernicana.

Kant é um filósofo que se compara a Copérnico, tal afirmação aparece no prefácio a 2ª edição da Crítica da razão pura, de 1787. O pensador de Königsberg traça “uma analogia entre sua formulação de uma epistemologia centrada no sujeito e não no real e o deslocamento operado por Copérnico do centro do cosmo da Terra para o sol, como imagens de mudanças radicais.” (MARCONDES, 2016, p. 23).

O pensamento de Kant carrega grandes questões. Primeiramente, o conhecimento humano com suas possibilidades e seus limites e, além disso, suas

esferas de explicação. A filosofia kantiana trata dos problemas da filosofia do século 17. Defronta-se com as questões das ciências da matemática e da física. Tais ciências se apresentavam como conjunto de conhecimentos certos indiscutíveis. A matemática, particularmente, tem um lugar especial, ela se desenvolve no renascimento. A criação da geometria analítica por Descartes (1596-1650) e a invenção do cálculo infinitesimal por Newton (1642-1727) e por Leibniz (1646-1716), contribuíram para desenvolvimento das ciências matemáticas. A ciência matemática conseguiu se constituir com o seu próprio modelo de conhecimento científico caracterizado por seu conjunto necessário e universal.

A física matemática também tem seu lugar particular, mesmo sendo uma disciplina jovem. Ela conseguiu a sistematização realizada por Newton e também se constituiu num conjunto de proposições necessárias e universais. Seus resultados estão presentes no estudo do Movimento dos corpos e na astronomia. Ela passou a indicar “o caminho a ser seguido por todos que pretendessem conhecer os fenômenos naturais”. (KANT, 1987, p. 08).

Ao lado da matemática e da física, surge também o pensamento metafísico. Os grandes sistemas metafísicos aparecem na Alemanha de Kant, por exemplo, no sistema na versão de Christian Wolff (1679-1754). O filósofo de Königsberg estudou o motivo do progresso das ciências e do não progresso da metafísica. Ele chegou à conclusão de que a “matemática e a física se apresentavam constituídas por verdades indiscutíveis, enquanto a metafísica perdia a mesma validade.” (KANT, 1987, p. 08). O autor assinala que o problema do conhecimento se insere em três questões; “como são possíveis juízos sintéticos *a priori* na matemática?”; “como são possíveis juízos sintéticos *a priori* na física?”; “são possíveis juízos sintéticos *a priori* na metafísica?” (KANT, 1987, p. 08).

Ele estuda também outras questões, por exemplo, da ação humana e o problema da moral. Somam-se também os problemas sociais e políticos da época, segundo a sua opção pela revolução francesa. Tal revolução se apresentou “não apenas um processo de transformação econômica social e política, mas sobretudo um problema moral” (KANT, 1987, p. 8).

Enfim, alinharam-se no espírito de Kant os problemas da apreciação estética e das formas de pensamento da biologia. Ele articula todos esses problemas dentro de uma visão sistemática da razão humana.

2.2 O Sentido de Copérnico e da ideia da Revolução Científica

Kant, de forma análoga a revolução copernicana, promove uma mudança no campo do conhecimento humano. Para ele, o pensador polonês foi uma figura representativa da Revolução Científica. Copérnico é pensador inovador e revolucionário, foi um questionador das teorias tradicionais que sustentaram por séculos algumas verdades (KANT, 2001).

A inovação copernicana se consistiu em inverter a visão habitual do mundo. Ele, deslocando a Terra do centro cosmo, busca novas alternativas frente as explicações tradicionais. Copérnico demonstra hipóteses alternativas, as quais podem ser compatíveis com os fenômenos observados (SILVA, 2016).

Hannah Arendt (1997) assinala a influência das ideias de Copérnico na modernidade. “A condição humana, no qual discute a formação da modernidade, Hannah Arendt mostra a influência das ideias de Copérnico na formação do pensamento moderno” (MARCONDES, 2016, p. 24). Para a estudiosa, essas alterações ocorridas na modernidade são acentuadas de Nicolau Copérnico e outros grandes episódios, por exemplo, advento do Telescópio, as descobertas inovadoras, por um melhor entendimento das descobertas apresentadas pela modernidade.

É sabido da importância do heliocentrismo e da explicação do movimento da Terra para as profundas transformações da modernidade (KANT, 2009).

A hipótese heliocêntrica de Nicolau Copérnico caracteriza como revolução dos orbes celestes. A obra *De revolutionibus orbium coelestium*, publicado em 1543, representa um grande marco para ciências. Copérnico teve que retratar a publicação dessa obra por causa da censura. Ele teve acesso a sua publicação antes de sua morte. Para Danilo Marcondes,

O prefácio intitulado “Ao leitor: acerca da hipótese desta obra” é um texto importante e esclarecedor, porém não foi escrito pelo próprio Copérnico, mas por seu discípulo Andreas Osiander, ainda que seu nome não apareça.” Comenta o estudioso que “Não é claro se Copérnico teria autorizado a inclusão desse texto. Contudo, o prefácio é relevante pela discussão metodológica que desenvolve, sobretudo quando ao papel das hipóteses (MARCONDES, 2016, p. 25).

A obra trabalha a hipótese do heliocentrismo, objetivando ser uma alternativa ao geocentrismo. A ideia de que a terra era imóvel aparece no tratado do céu de Aristóteles e recebeu de adaptações por Cláudio Ptolomeu no Almagesto. O prefácio

é dedicado ao papa Paulo III, “basear-se em antigos pitagóricos como Filolau de Crotona (470-385 a.C.), que já teriam formulado esse modelo de universo, atenuando assim sua crítica à tradição” (MARCONDES, 2016, p.25).

Para Marcondes (2016), as grandes partes da obra consistem na apresentação de resultado de cálculos segundo suas observações. Quando comparados aos resultados de Ptolomeu, e as hipóteses de Copérnico, percebe-se que os do astrônomo polonês se revelam mais compatíveis com a observação de céu.

Podemos entender que o problema de Copérnico é o novo enfretamento a ideia de “salvar os fenômenos”. O historiador da ciência Pierre Duhem (2016) destaca que é uma questão metodológica muito importante para o astrônomo. Vale destacar que o problema é encontrado em Ptolomeu, mas oriundo de Platão, de “salvar os fenômenos”. Copérnico se posiciona objetivando “contornar a discrepância encontrada entre os antigos cálculos matemáticos dos movimentos de corpos celestes e as observações realizadas”, que deveriam ser privilegiadas (KANT, 1987).

Nicolau Copérnico formula a hipótese de que “A terra se move e o sol se encontra imóvel no centro do universo.” (OSIANDER, 2008 *apud* MARCONDES, 2016, p. 25)¹. Essa tese apresenta uma metodologia sustentada pela hipótese. Segue como princípio a mudança dos cálculos matemáticos antigos dos movimentos de corpos celestes e também das observações realizadas. Copérnico privilegia novos elementos.” Para ele,

(...) é próprio do astrônomo examinar a história dos movimentos celestes através de uma diligente e conscienciosa observação e em seguida conceber ou imaginar causas e hipóteses para esses movimentos. Uma vez que jamais alcançará as verdadeiras, deve adotar causas e hipóteses que permitam calcular corretamente esses movimentos com base nos princípios da geometria. (OSIANDER, 2008 *apud* MARCONDES, 2016, p.25).

No entender de Copérnico não é necessário que as hipóteses sejam verdadeiras. Elas forneçam cálculos de acordo com as observações. Ele destaca os procedimentos do astrônomo e filósofo na formulação do conhecimento. “O astrônomo adotará a que for mais fácil de compreender. O filósofo talvez exija a verossimilhança, ainda que nenhum dos dois chegue a compreender ou exprimir nada verdadeiro” (OSIANDER,2008, *apud* MARCONDES, 2016, p.26).

¹ É importante ressaltar como, na passagem do Capítulo 1 que citamos abaixo, Copérnico define o movimento da terra e argumenta em favor das órbitas circulares. Deve-se notar que todas as referências a observações dos astros feitas nesse período são anteriores ao uso de instrumentos como o telescópio, que só seria empregado na astronomia por Galileu, no início do século XVII.

Para ele, a astronomia oferece somente hipóteses e o “movimento dos planetas e a revolução das estrelas não podem ser determinados por cálculos exatos, nem estabelecidos como conhecimentos perfeitos”. (OSIANDER, 2008 *apud* MARCONDES, 2016, p.26). No entanto, com o avançar dos procedimentos de observações é possível chegar novos conhecimentos.

A metodologia de Copérnico é sustentada pelas hipóteses e traz a observação como pressuposto. A descoberta dos movimentos da terra é obtida por meio de numerosas observações. Esse procedimento permite descobrir os movimentos dos outros astros. Para ele, é possível deduzir os movimentos aparentes da ordem e das dimensões de todos os astros e orbes² (SILVA, 2016).

2.3 O Método Reflexivo adotado por Kant

Segundo Georges Pascal (1992), o método de Kant é reflexivo, porquanto é refletindo sobre os conhecimentos racionais que o ser humano obtém uma ideia precisa da sua própria razão. A metodologia kantiana é caminho do movimento do sujeito do conhecimento. Para o filósofo, o indivíduo é responsável pelas próprias operações do conhecimento e, ao mesmo tempo, o conhecimento se volta para o próprio sujeito, isto é, a pessoa realiza uma análise reflexiva da realidade, aí está ligada à ideia crítica de Kant. Ele elaborou sua teoria do conhecimento influenciado por alguns conhecimentos, por exemplo, os que são encontrados na lógica, na matemática e na física.

Para o filósofo de Königsberg, a lógica não nos proporciona conhecimentos objetivos, ocupa-se apenas de si mesma e de sua forma. Na matemática e na física, ao contrário, apresentam conhecimentos racionais e objetivos. Já a pretensão da metafísica é de determinar certos objetos de forma totalmente *a priori*. O problema de Kant é saber o motivo do fracasso da metafísica e, ao mesmo tempo, o êxito da matemática e a física. Para ele, o racionalismo dogmático não consegue explicar o

² Para Copérnico, os movimentos dos planetas são circulares ou compostos de vários círculos e estão sujeitos a uma lei determinada e se produzem periodicamente. “Com efeito, só o círculo pode restabelecer o passado. Assim por exemplo, o sol, submetido a uma composição de 26 movimentos circulares, nos traz de novo a desigualdade dos dias e das noites e as quatro estações do ano. (OSIANDER,2008, *apud* MARCONDES, 2016, p.26-27). Para Copérnico, é mais fácil acreditar na hipótese heliocêntrica.

fracasso da metafísica, já o empirismo cético, explica o fracasso da metafísica, mas não o sucesso da matemática da física (MARCONDES, 2011).

Kant enfrenta as questões da explicação da existência dos conhecimentos racionais presentes na matemática e na física e, além disso, como é possível haver tais conhecimentos da metafísica.

A metafísica procure estender o nosso conhecimento a domínios situados para além da experiência, o que equivale a dizer que as noções metafísicas são noções *a priori* e, enquanto tais conduziram a todas as contradições dos dogmatismos. Toda a construção metafísica logicamente coerente podia pretender-se verdadeira, visto como em um objeto era dado na experiência pela qual se pudesse confirmar ou desmentir a construção o princípio lógico de não-contradição não basta para estabelecer a verdade de uma proposição; um juízo pode não ser contraditório em si mesmo, sem ser, *ipso facto*, verdadeiro. Mas como é possível, nessas condições que todos os espíritos estejam de acordo sobre certas proposições *a priori*, como ocorre na matemática e na física? A fim de responder essas perguntas, é preciso ver em que consistem “a revolução repentina” e a “mudança de método” que, para Kant, condicionaram o êxito dessas ciências. (PASCAL, 1992, p. 34).

Para ele, a revolução se produziu na física por Galileu e também Torricelli, ocorreu porque se começou a interrogar a natureza segundo as exigências da razão. A mudança de método em Kant é muito importante, na verdade, seu método consiste em determinar um objeto consoante as exigências da razão. Essa noção aparece na matemática e na física (SANTOS, 2006; MARCONDES, 2016).

No entender de Kant, essa revolução abriu para a matemática e física um caminho seguro como ciência, pois o conhecimento objetos depende do sujeito e, é possível verificar isso a partir da famosa revolução copernicana do filósofo alemão (SILVA, 2016).

Para Georges Pascal, “a revolução copernicana de Kant é substituição em teoria do conhecimento de uma hipótese de a lista a hipótese realista.” (PASCAL, 1992, p. 36) É importante destacar que realismo admite que a realidade é dada na ordem sensível, no caso dos empiristas. Já na ordem inteligível, segundo os racionalistas, o conhecimento modelar-se nessa realidade. Portanto, conhecer é registrar o real e o espírito dentro dessa operação é somente passivo.

Para o idealismo (PASCAL, 1992), a razão intervém na elaboração do conhecimento. Kant assinala que o real é resultado de uma construção objeto, conhecemos *a priori* em relação ao objeto os elementos característicos que recebemos de nossa própria faculdade cognitiva.

Enfim, o capítulo tratou da revolução copernicana na filosofia kantiana. Buscou se enfatizar a significação da revolução operada por Kant; Copérnico e da ideia da Revolução Científica; e método reflexivo adotado por Kant. O próximo passo será estudar os problemas das ciências, com ênfase na lógica; matemáticas e física; e ciência da natureza, como se verá³.

3. O PROBLEMA DAS CIÊNCIAS

De acordo com Immanuel Kant (2001), as ciências nas quais tiveram seu caminho trilhado por métodos empíricos juntamente com a razão orientando-os em suas ações, são consideradas ciências de verdade, diferente do campo metafísico que teve que ser colocado em questão para saber se a mesmas se tratava de ciências, por não haver como se trilhar um conhecimento seguro sobre a mesma.

Ora a metafísica, segundo os conceitos que dela apresentaremos aqui, é a única de todas as ciências que pode aspirar a uma realização semelhante e isto em pouco tempo e com pouco trabalho, desde que se congreguem os esforços, de tal modo que nada mais reste à posteridade que dispor tudo de uma maneira didática, de acordo com seus propósitos, sem por isso poder aumentar o conteúdo no que quer que seja. Na verdade, a metafísica outra coisa não é senão o inventário, sistematicamente ordenado, de tudo o que possuímos pela razão pura (KANT, 2001, p. 36).

As ciências para Kant, só podem trilhar um conhecimento seguro, quando se tem uma base sólida para que mesma possa ser erguida, então se destaca dois campos do conhecimento, a **Lógica** e a **Matemática**, que são exemplos de como se trilhar um caminho correto para o conhecimento, pois os mesmos podem ser formados de juízos universais.

³ LÓGICA—Vamos falar da lógica de um modo geral, expondo as diversas concepções definidas acerca da sua tarefa própria; este esboço histórico concluirá com uma discussão sistemática sobre o problema da natureza da lógica. São necessárias duas advertências:

1) Incluem-se na lógica certos tipos de pensamento, com a lógica dialéctica, lógica histórica, lógica concreta, etc, que muitos autores não consideram pertencer à lógica estrita.
2) Alguns autores distinguem entre lógica e logística como se designassem dois tipos completamente diferentes de lógica. O termo _lógica designa, para nós, um conjunto muito amplo de investigações que compreende igualmente a lógica tradicional e a lógica nova ou logística.

3.1 A Lógica

No livro, *Crítica da razão pura*, Kant expõe a importância da lógica e como a mesma permaneceu inalterada desde Aristóteles (2001). Pois, desde a época de Aristóteles, a lógica não avançou muito em todos os pontos onde foram pensados mais elementos. Isso ocorreu pois Aristóteles teve a capacidade de captar as regras mais básicas do funcionamento do pensamento e as expos de maneira clara, que define o que para Kant seria a lógica (KANT, 1987).

A lógica então seria as regras formais que definem um pensamento correto. Para Kant, a lógica não é uma ciência em si, mas é um caminho para que se possa chegar à ciência por meio de um pensamento organizado e correto. A lógica seria então, uma pré-ciência, ou seja, uma espécie de preparação para que se ocorra a ciência, é a lógica que permite que se conduza um pensamento a um fim correto segundo Kant (KANT, 2001).

Consequentemente, os conceitos puros do entendimento, mesmo quando aplicados a intuições *a priori* (como na matemática) só nos proporcionam conhecimentos na medida em que estas intuições, e, portanto, também os conceitos do entendimento, por seu intermédio, puderam ser aplicados a intuições empíricas (KANT, 2001, p. 172).

É a lógica que permite formular um pensamento e que se consiga, enfim, chegar a uma ciência, a partir do que vemos no mundo. Sem a existência da lógica, o pensamento sequer poderia sair do lugar e chegar a qualquer conclusão sobre alguma coisa (HUME, 2004).

Para se explicar a lógica em Kant, devemos apelar para a ideia de sujeito transcendental que Immanuel Kant nos propõe. Porque a Lógica tem se desdobramento nesta matéria. O significado então de transcendental se refere a todo o conhecimento que se ocupa não só com os objetos, mas com o modo de conhecê-los. Toda a investigação Kantiana é transcendental na medida que a crítica tem como objeto, a nossa faculdade cognitiva, pois ela é o grande objeto da *Crítica da Razão Pura* (KANT, 2001; MARCONDES, 2016).

Transcendental trata então, justamente do conhecimento que se ocupa não com os objetos, mas como modo de conhecer os objetos. Assim um conceito transcendental para Kant significa o modo de conhecer os objetos e a possibilidade do conhecimento ser ou não possível *a priori* (KANT, 2001).

O termo *a priori* é de fundamental importância para se entender a ideia de Kant, pois ele separa o conhecimento em duas partes, que são os conhecimentos *a priori* e os *a posteriori*, assim como fica claro em sua filosofia. Kant teve um espaço para o racionalismo e o empirismo em suas teorias, e esses termos tratam desses conceitos. *A priori*, então seria todo o conhecimento que é derivado da Razão e que por si já tem uma ideia pronta com o predicado sendo intrínseco ao sujeito, como no exemplo: “O quadrado tem quatro lados”. Essa ideia é puramente racional, pois a ideia de quatro lados já está na ideia de quadrado. Dessa forma, não temos como imaginar um quadrado que não tenha quatro lados, e assim esse tipo de ideia seria considerada uma ideia *a priori*.

Uma análise mais atenta da forma do conhecimento mostra-nos que as formas *a priori* da sensibilidade—o espaço e o tempo —não são conceitos, mas intuições, isto é representações singulares, e quando falamos em espaços ou tempos no plural, não queremos significar espaços gerentes, mas partes de um espaço ou de um tempo únicos. Ambos são intuições necessárias e, por isso, só podemos conhecê-las como as formas originárias da experiência externa e da experiência interna. São formas cognitivas, formas *a priori*, com as quais se constrói a geometria (o espaço) e a aritmética (o tempo). São elas o fundamento dos juízos sintéticos *a priori*, garantia da universalidade e necessidade destas disciplinas (KANT, 2001, p 13).

Enquanto que a ideia *a posteriori*, trata da questão empírica, que necessita de experiência para que seja formulada. Pegando novamente o exemplo do quadrado, não podemos afirmar que o mesmo seja verde ou azul, pois a ideia de cor não está presente na ideia de quadrado. Assim, para saber se o mesmo é de determinada cor devemos recorrer a experiência do quadrado, e somente após ter a experimentação do quadrado, que teríamos a ideia formulada se ele é azul ou verde, portanto, essa ideia é considerada uma ideia *a posteriori* (MARCONDES, 2016).

Conhecemos somente o nosso modo de os perceber, modo que nos é peculiar, mas pode muito bem não ser necessariamente o de todos os seres, embora seja o de todos os homens. É deste modo apenas que nós temos de ocupar. O espaço e o tempo são as formas puras desse modo de perceber; a sensação em geral a sua matéria. Aquelas formas, só podemos conhecê-las *a priori*, isto é, antes de qualquer percepção real e, por isso, se denominam intuições puras; a sensação, pelo contrário, é aquilo que, no nosso conhecimento, faz com que este se chame conhecimento *a posteriori*, ou seja, intuição empírica. As formas referidas são absoluta e necessariamente inerentes à nossa sensibilidade, seja qual for a espécie das nossas sensações, que podem ser muito diversas (KANT, 2001, p 105).

Então, nós temos estruturas *a priori* da sensibilidade e do entendimento, próprias do sujeito e não do objeto. A sensibilidade e entendimento são próprias do

sujeito, é o sujeito que conhece e não do objeto que é conhecido. Sem as ideias de *a priori* e *a posteriori* é impossível qualquer experiência de qualquer objeto, sem a sensibilidade e sem o entendimento não é possível conhecer o objeto, é impossível qualquer experiência (PASCAL, 1992).

Visto a definição de conhecimento *a priori* e conhecimento *a posteriori*, agora iremos entender outro ponto fundamental para Kant que são as ideias sintéticas e as ideias analíticas. Assim como vimos anteriormente, temos aqui a mesma dualidade de pensamentos que sempre vemos em harmonia na filosofia de Kant, a distinção entre razão e empirismo. Nas ideias analíticas temos então o predicado fazendo parte do sujeito por ele mesmo assim como no exemplo de “todos os solteiros são não casados”, vimos que a ideia de não estar casado já está completando a ideia de ser solteiro. Portanto, é um tipo de ideia que não precisa de experiência para que se tenha um conhecimento seguro sobre ela, pois a partir do momento que você entender a definição do termo e todas as características que ele abrange, a experiência se torna desnecessária para que eu entenda toda vez que uma pessoa solteira é uma pessoa não casada (ARENDS, 1997; HUME, 2004).

Por outro lado, as ideias sintéticas são definições meramente empíricas, ideias que precisam de experiência para que sejam comprovadas, mudando o exemplo acima, agora iremos falar que “todos os solteiros são felizes”, felicidade não é uma característica que está ligada a ideia de ser solteiro, portanto não podemos afirmar isso em 100% das vezes, pois precisaríamos ter a experiência de todos os solteiros que existem para afirmar que essa premissa é verdadeira (ARENDS, 1997; HUME, 2004).

Agora seguiremos para a grande novidade que Kant propõe com sua lógica, que é a ideia de se obter um conhecimento sintético *a priori*. Nós temos aqui o grande elemento central do pensamento kantiano, porque Kant propõe uma nova forma de juízos. Nós abordamos as definições de analítico e sintético do *a priori* ou *a posteriori*, porém até o momento isto não é novidade, a novidade está justamente nessa nova classe de juízos que ele elabora (KANT, 2001).

Kant propõe uma nova classe de juízos, os juízos sintéticos *a priori*, aquilo que foi abordado anteriormente do sintético de ampliação do conhecimento. A razão tá aqui no *a priori* que é um tipo de juízo que traz a novidade, contudo ele também é um Universal, necessário ao mesmo tempo vamos ver que o núcleo da teoria do

conhecimento está nos juízos sintéticos *a priori* porque eles são universais necessários e verdadeiros (KANT, 2009).

A Crítica da Razão Pura de Kant, é fundamental no pensamento da filosofia moderna ela está organizada em torno dessa questão. Se são possíveis e como são possíveis os juízos sintéticos *a priori* entre as várias questões que ela propunha, uma delas, Central, é justamente essa questão, agora precisamos saber se essa possibilidade conceitual pode realizar-se se são possíveis esses juízos e portanto a ampliação do conhecimento anterior a toda a experiência, respondendo essa questão teremos então uma lógica transcendental que mecha com definições concretas, mas ou mesmo, tempo utilize de sua razão *a priori* para que se possa ser segura (KANT, 2009).

3.2 A Matemática Transcendental

Kant também realiza uma diferenciação sobre os aspectos da Física e da Matemática como ciências ainda no livro crítica da razão pura. A grande diferença da física e da matemática das outras ciências, seria que elas deixaram de lado a ilusão de tentar buscar a verdade nos objetos que se encontram fora do sujeito, para buscar assim o estudo do objeto, já com ideias prontas que orientam a visão previamente. Assim, Kant explica que a Física e a Matemática se diferenciam de outras ciências pois elas já buscam ideias que já estão intrínsecas na razão humana antes mesmo da experiência sensível, o que faz com que os físicos e os matemáticos desenvolvam teorias que antecedem o experimento e servem para guiar o entendimento do mundo (KANT, 2001).

Diante disso, podemos entender como Copérnico, basicamente sem instrumentos astronômicos modernos para experimentar a observação do universo com mais detalhes, pôde desenvolver uma ideia de teoria heliocêntrica, mudando a concepção de que o sol gira em torno da terra e não ao contrário, utilizando a matemática, que previamente teve a ajuda da lógica. E, assim, Copérnico abriu portas para que outros depois dele pudessem desenvolver equipamentos mais aflorados para a concepção do universo. Para Kant, Copérnico só pôde entender porque criou um modelo mental para depois observar o mundo dessa maneira, e é por isso que

Kant diz que sem um modelo prévio do mundo, é possível que procuremos sobre verdades no mundo e jamais encontremos (KANT, 2001; SILVA, 2016).

Com Copérnico acompanhamos a mudança de paradigma, a Terra não é mais o centro do universo, e assim, o homem perde seu lugar privilegiado. Galileu dá início ao processo científico moderno, passa-se a observar o mundo e a se raciocinar matematicamente sobre a natureza. Kepler contribui com a formulação das leis matemáticas precisas para o movimento dos planetas, bem como, suas perfeitas órbitas (SANTOS, 2006, p. 04).

A ciência para Kant é uma espécie de lente teórica, que nos faz enxergar o mundo de maneira com que a nossa cabeça possa compreender. Sem a existência de modelos e conceitos, é impossível que compreendemos o mundo em que vivemos. Kant também cita outros matemáticos antigos, que, já na antiguidade, ao invés de procurar cálculos matemáticos baseados nos objetos imperfeitos da realidade se basearam em criar instrumentos geométricos prévios para que se possa entender a realidade com mais perfeição através de cálculos baseadas na geometria imaginaria perfeita. A partir desse pensamento, pôde-se desenvolver a matemática e ideias puras a partir da razão, e assim passaram a medir nosso entendimento de mundo através de cálculos e medições perfeitas (SANTOS, 2006).

Embora o mundo precise de medições perfeitas, o cálculo passou a permitir que, através da formação de objetos geométricos perfeitos pudéssemos calcular o mundo e chegar a respostas certas sobre muitas das coisas que existem no mundo. Kant diz que a matemática é uma ciência pura, pois suas teorias são pensadas de maneira previamente à experiência, e o que lhe dará o nome de teorias *a priori*, que deriva de um pensamento racional para depois vir à experiência (SILVA, 2016).

4. A QUESTÃO METAFÍSICA

Immanuel Kant se destaca em sua época pois seu pensamento dá um passo antes dos problemas metafísicos. Kant, se pergunta primeiro, se é possível fazer a metafísica antes que seja colocado em destaque o caminho que a mesma irá trilhar. Este pensamento é de fundamental importância para se entender a ideia de Revolução Copernicana proposta neste trabalho, pois antes de Kant a metafísica se colocava como resposta para algumas correntes filosóficas, colocando assim em destaque o que o objeto pode nos oferecer de conhecimento (KANT, 2009).

Como na metafísica platônica, temos a ideia de que a ideia de objeto é meramente um reflexo de uma ideia ideal, que permanecia no mundo ideal, e assim temos uma ideia de como a metafísica propõe que o conhecimento seja construído. Kant, por sua vez, derruba este argumento afirmando que se a metafísica for passível de ser conhecida, o ser humano não consegue chegar até ela, então devemos manter o conhecimento baseado também no mundo sensível (SANTOS, 2006).

Na verdade, a metafísica outra coisa não é senão o inventário, sistematicamente ordenado, de tudo o que possuímos pela razão pura. Nada nos pode aqui escapar, pois o que a razão extrai inteiramente de si mesma não pode estar-lhe oculto; pelo contrário, é posto à luz pela própria razão, mal se tenha descoberto o princípio comum de tudo isso. A unidade perfeita desta espécie de conhecimentos, derivados de simples conceitos puros, sem que nada da experiência, nem sequer mesmo uma intuição particular, própria a conduzir a uma experiência determinada, possa exercer sobre ela qualquer influência no sentido de a estender ou de a aumentar, torna esta integridade (KANT, 2001, p. 36).

Entendemos então que para se compreender os caminhos que a metafísica pode trilhar, devemos entender se a mesma é uma ciência ou não, pois somente após garantir que é possível trilhar algum tipo de caminho seguro por ela, podemos garantir quais são os caminhos, e para Kant, a metafísica não se pode trilhar um caminho seguro porque a mesma parte inteiramente da racionalidade, sem que tenha argumentos baseados no mundo sensível (PASCVAL, 1992).

4.1 Os Conceitos Metafísicos E A Crítica De Kant

Para Kant (2001), a metafísica⁴ não conseguiu seguir o mesmo caminho de sucesso da física e da matemática, ela trilhou um caminho diferente das demais ciências, um caminho incerto e cheio de curvas. Para o autor, quando se fala de metafísica, estamos nos referindo a perguntas como o conceito de Deus, de liberdade e imortalidade, onde não conseguimos trilhar um caminho em que a experiência possa dar certeza à afirmação. Metafísico, portanto, seria tudo aquilo que não pode ser

⁴ METAFÍSICA—A palavra _metafísica deve a sua origem a uma denominação especial na classificação das obras de Aristóteles feita primeiro por Andrónico de Rodes. Como os livros que tratam da filosofia primeira foram colocados na edição das obras do Estagirita a seguir aos livros da física, chamou-se aos primeiros metafísica, isto é “os que estão detrás da física”. Esta designação, cujo sentido primitivo parece ser puramente classificador, teve posteriormente um significado mais profundo, pois, com os estudos que são objecto da filosofia primeira, se constitui um saber que pretende penetrar no que está situado para além ou detrás do ser físico enquanto tal.

experimentado através dos sentidos, o que está além do mundo físico, como podemos então ter conhecimento seguro de algo que não pode ser comprovado através do sentido? (KANT, 2009).

A metafísica nunca foi tão bem-sucedida quanto a matemática, a lógica e a física, pois é a mais antiga das ciências e se retrocedermos a história de modo a apurar os resultados, verificaremos que a metafísica sempre teve de retornar aos seus fundamentos e começar tudo de novo. Nunca houve um consenso entre os metafísicos sobre quais os métodos aplicar e objetos estudar. Ela é um tipo de saber racional antigo, que não teve – até o período a qual Kant está inserido – um momento em que se pudesse estipular um caminho seguro, porque sempre se apresentou muito fragmentada, de modo que facilmente pudesse constatar que haviam, antes de Kant, várias metafísicas e não uma só (SILVA, 2016, p. 25).

Para Kant, todos esses conceitos derivados da metafísica surgem através da necessidade humana de perfeição, que é uma necessidade que não se pode ser experimentado através dos sentidos. Como temos uma necessidade de explicar coisas que não conseguimos explicar, criamos teorias e compreensões para suprir tal necessidade. Fazer o que é correto, imortalidade, ser perfeito, são coisas que inspiram o ser humano com o sentimento de busca. Isso nos conduz a criação de objetos e teorias que nem sempre compreendem direito o porquê são e como são. Tanto que sempre que tentamos explicar ou não a existência de Deus, sempre chegamos ao mesmo problema. Portanto, para Kant, estes problemas são sem solução, pois é impossível para a razão especular sobre algo que não se pode ser sentido ou experimentado, o que conduz a uma sensação de impotência da razão. Este é um dos limites da razão, ela não pode especular por exemplo sobre a existência de Deus, pois ele é um objeto que nossa mente não consegue modelar e nem os sentidos conseguem captar (KANT, 2001).

A metafísica, diz Kant, é um campo de batalha em que não há vencedor nem perdedor. Os metafísicos, cada qual pretende ter a posse da verdade quando de fato não possuem verdade alguma, ou seja, é um campo de batalha em que há disputas sobre a certeza, mas que não há conhecimento, porque antes mesmo de a metafísica completar o seu sistema de conhecimento, tem de voltar atrás e rever os seus fundamentos. Ademais, pelo simples fato de não haver unanimidade sobre o que seja um conhecimento verdadeiro na metafísica (SILVA, 2016, p. 26).

Kant explica (2001) que todo debate sobre a existência ou inexistência de Deus sempre ocorre de maneira errônea, pois em vez de tentar explicar se este objeto existe ou não, deveríamos tentar entender o porquê nossa razão tem a necessidade da ideia que esse objeto exista ou não exista, e assim estaríamos chegando a uma série de

conclusões que nos levaria a uma resposta mais concreta sobre os conceitos de liberdade ou imortalidade, que é uma necessidade de algo maior assim como a ideia de Deus.

E assim, Kant chega a uma conclusão de que para se chegar a uma metafísica na qual possa trilhar um conhecimento menos enganoso, é preciso entender antes o que a razão pode conhecer e o que ela não pode conhecer, e assim chegamos a parte na qual Kant informa que é preciso fazer uma revolução no campo das questões metafísicas e morais. Assim como Copérnico fez, ao afirmar sua teoria heliocêntrica, deixando de olhar para objetos externos para passar a elaborar previamente concepções racionais mais corretas, sobre o que é possível e o que não é possível de ser conhecido pela razão.

Percebe-se, portanto, que, no decorrer da história, a metafísica tateou às escuras entre meros conceitos, isto é, conceitos vazios, sem sentido, que não possuem matéria. As três grandes questões da metafísica, como Deus, alma e liberdade se enquadram nesse rol de conceitos sem significado, pois ela nunca conseguiu fornecer uma resposta satisfatória a essas questões, por isso é um tateio. Os problemas clássicos da metafísica como Deus, alma e liberdade jamais poderão ser conhecidos cientificamente, ainda que a razão se sinta constantemente tentada a esclarecer – ou de certa maneira conhecer – esses problemas. Aliás, a própria razão pura como sujeito do conhecimento não pode se autoconhecer cientificamente. A razão é pressuposta como necessária e que está a fundamento de todo conhecimento, mas não poderemos nunca saber como ela é cientificamente. Não há verdade sobre esses pontos, haja vista que dizem respeito a simples conceitos sem quaisquer referenciais na experiência (SILVA, 2016, p. 27).

Para Kant (2001), só pelo fato de se pensar assim, já se promove um campo mais amplo para se pensar diferente e assim se evitar enganos que a sociedade humana vem cometendo a tempos. É quando tentamos explicar e pensar o que não se pode ser explicado ou pensado, que cometemos os erros mais terríveis, é quando provamos verdades que na verdade são mentiras.

A revolução operada no campo do saber, graças à qual foi possível a constituição da nova ciência da natureza, consiste, para Kant, em que a natureza não se encontra dada como um livro aberto onde apenas bastará ler. A ciência constitui-se e desenvolve-se por um projeto adequado, que nos torne possível interrogar a natureza e forçá-la a uma resposta. Algo de semelhante tem que se operar em filosofia para esta se colocar no caminho seguro da ciência, para obter no seu domínio resultados tão certos como os obtidos nas diferentes disciplinas científicas (KANT, 2001, p. 10).

Para Kant (2001), sua obra crítica da razão pura cria um chão sólido que impede que os seres humanos criem teorias apressadas e errôneas. Ela estabelece

os limites do que a razão pode e não pode comprovar, o que conduz a uma prudência maior na hora de estabelecer verdades absolutas.

E dessa forma podemos entender que a emancipação no âmbito metafísico para Kant, se dá no momento em que conseguimos nos desprender de uma responsabilidade de ter que responder perguntas metafísicas, pois, para o autor, a metafísica é impossível de ser alcançada pelo ser humano e por isso deve ser deixada de lado para que possamos dar o foco nas perguntas que fazem com que o modo do sujeito conhecer a realidade seja colocado em destaque (KANT, 2001).

5. O SUJEITO MODERNO⁵

O sujeito sempre teve sua possibilidade de se pensar a realidade, seja ela conhecida como as faculdades do entendimento, ou seja, ela entendida como experiência. Com Immanuel Kant, temos um novo jeito de se compreender o sujeito pensante. Ele entende como sujeito transcendental, que por sua vez se destaca por ser um sujeito atemporal, para entender a ideia de sujeito transcendental, devemos entender o que Kant compreende como transcendental (MARCONDES, 2011).

O uso transcendental de um conceito, em qualquer princípio, consiste em referi-lo a coisas em geral e em si; é empírico, porém, o uso que se refere simplesmente aos fenômenos, ou seja, a objetos de uma experiência possível. Mas que apenas este último uso se possa sempre verificar, é o que daí se depreende (KANT, 2001, p. 284).

O significado de transcendental se refere a todo o conhecimento que se ocupa não com os objetos mas com o modo de conhecê-los, aquela preocupação do conhecimento e o modo do conhecimento conhecer os objetos e continua aqui, como a base de toda investigação Kantiana, que é transcendental na medida e no sentido que a crítica tem como objeto o entendimento (KANT, 2016).

⁵ Sujeito é -- 1. do ponto de vista lógico, aquilo de que se afirma ou nega algo. O sujeito chama-se conceito-sujeito e refere-se a um objecto que é 2. do ponto de vista ontológico, o objectosujeito. Este objecto-sujeito é chamado também com frequência Objecto, pois constitui tudo o que pode ser sujeito de um juízo. As confusões habituais entre sujeito e objecto, os equívocos a que tem dado lugar o emprego destes termos, podem ser eliminados mediante a compreensão de que ontologicamente todo o objecto pode ser sujeito de juízo, quer dizer, mediante a advertência de que sujeito e objecto podem desempenhar dois aspectos do objecto- sujeito. Com efeito, este último pode não ser exclusivamente a primeira substância, o ser individual, mas pode ser qualquer das realidades classificadas pela teoria do objecto: um ser real, um ser ideal, uma entidade metafísica, um valor.

Nossa faculdade cognitiva é o grande objeto da Crítica da Razão Pura, é a nossa faculdade cognitiva, portanto, como um todo transcendental. Nesse sentido, já que o transcendental trata justamente do conhecimento que se ocupa não com os objetos mas como modo de conhecer os objetos, transcendental para Kant significa então o modo de conhecer os objetos, a possibilidade do conhecimento ou o modo de conhecer os objetos enquanto possível *a priori*, enquanto possível *a priori* esses modos são a sensibilidade e entendimento (MARCONDES, 2016).

O sujeito moderno após Immanuel Kant se destaca por aspectos que antes não era evidente em aspectos do sujeito anterior, no qual não tinha essa particularidade transcendental que faz toda a diferença após ser evidenciada na filosofia de Kant (SANTOS, 2006).

5.1 A formulação do Sujeito para Kant

Para Kant (2001) o sujeito teria dois meios de se chegar ao conhecimento: o caminho racional e o caminho sensível. Contudo, esses conceitos sozinhos não conseguem chegar ao conhecimento puramente seguro. É necessário que haja a síntese de racional com o sensível para que o conhecimento possa ser sintetizado pelo sujeito. Precisa-se que tenha a experiência sensível para que assim possa ser organizado por nossa faculdade do entendimento. Para Kant, isto é o que diferencia o sujeito moderno das demais ideias que foram apresentadas até o momento sobre o sujeito pensante (PASCAL, 1992).

Ora, tomada na sua universalidade, toda a relação que as nossas representações podem possuir consiste: 1. na relação com o sujeito; 2. na relação com objetos, quer sejam fenômenos, quer objetos do pensamento em geral. Quando se liga esta subdivisão com a anterior, toda a relação das representações de que podemos ter um conceito ou uma ideia é tripla: 1. a relação com o sujeito; 2. com o diverso do objeto no fenômeno; 3. com todas as coisas em geral (KANT, 2001, p. 247).

Kant explica que o sujeito já tem dentro de si, algo que se chama ideias *a priori*, e a partir disso se pode entender como resultado dessas ideias, que há a possibilidade de compreender orações que já tem as informações necessárias dentro da sentença, como no exemplo: o triângulo tem três lados. Podemos entender que o triângulo tem três lados sem que se haja uma experiência do mesmo, pois o juízo de triângulo já está intrínseco que tem três lados. Contudo, não podemos afirmar que o mesmo é

verde ou amarelo, pois essa seria uma ideia *a posteriori* que deriva da experiência sensível (KANT, 2001).

As funções lógicas dos juízos em geral, unidade e pluralidade, afirmação e negação, sujeito e predicado, não podem ser definidas sem se cometer um círculo, porque toda a definição deve ser um juízo e, por consequência, deve conter essas funções (KANT, 2001, p. 289).

Diante desta reflexão, podemos então entender que no sujeito moderno, é necessário que haja uma conciliação entre as ideias *a priori* e as ideias *a posteriori*, para que o sujeito pensante possa chegar ao conhecimento seguro (HUME, 2004).

A ideia de Sujeito de Kant enquadra na Revolução Copernicana. Como foi descrito no tópico acima, Kant teve a ideia de fazer a síntese entre conhecimento *a priori* e conhecimento *a posteriori*. Isto é de fundamental importância para se entender a revolução copernicana que operou em sua filosofia, pois, antes da mesma, a ideia de sujeito que estava em vigor colocava o objeto como centro do conhecimento. Era o sujeito que devia procurar conhecer as informações que o objeto lhe passava e após a revolução copernicana de Kant, o objeto passa a rodear o sujeito, e assim temos muito mais foco no que o sujeito pode compreender das informações do objeto (SILVA, 2016).

Ora, todos os conceitos puros em geral têm que ver com a unidade sintética das representações, mas os conceitos da razão pura (as ideias transcendentais) referem-se à unidade sintética incondicionada de todas as condições em geral. Por conseguinte, todas as ideias transcendentais podem reduzir-se a três classes das quais a primeira contém a unidade absoluta (incondicionada) do sujeito pensante, a segunda, a unidade absoluta da série das condições do fenômeno e a terceira, a unidade absoluta da condição de todos os objetos do pensamento em geral (KANT, 2001, p. 247).

Com o sujeito no centro do objeto de estudos, temos então uma síntese bem feita entre o racionalismo e o empirismo, na qual irá trazer frutos para a época contemporânea que virá a seguir. Agora que não temos mais que nos preocupar com as perguntas metafísicas que estavam a tanto tempo sendo foco de respostas para o ser humano, a partir de Kant, temos uma ideia melhor definida de como o sujeito pode conhecer, não através somente de sua razão ou de suas experiências, mais sim da comunhão entre as duas maneiras de se perceber a realidade (KANT, 2001).

6. O CONTEXTO PARA A REVOLUÇÃO COPERNICANA

Entender o contexto que se foi passada a ideia de Revolução Copernicana para Kant é de fundamental importância para se entender este trabalho. Pois, para que se possa entender qualquer tipo de pensamento, devemos buscar conhecer sua origem e caminho pelo qual foi seguido para se chegar ao mesmo (SILVA, 2016).

Nesta seção iremos entender um pouco sobre algumas referências que forma de fundamental importância para que Immanuel Kant tenha pensado do jeito que ele pensou. Kant teve fortes influências que acarretaram em um pensamento revolucionário para a história humana. Passou por diversas correntes filosóficas, até conseguir realizar sua síntese a respeito da união da razão com o empirismo (SANTOS, 2006).

A tarefa desta crítica da razão especulativa consiste neste ensaio de alterar o método que a metafísica até agora seguiu, operando assim nela uma revolução completa, segundo o exemplo dos geômetras e dos físicos. É um tratado acerca do método, não um sistema da própria ciência; porém, circunscreve-a totalmente, não só descrevendo o contorno dos seus limites, mas também toda a sua estrutura interna (KANT, 2001, p. 49).

Iremos aprofundar um pouco mais na origem etimológica do termo Revolução Copernicana para Kant. Falaremos um pouco a respeito de Nicolau Copérnico e como sua ideia se enquadra na teoria de Kant para poder explicar, com propriedades, como funciona a teoria de Copérnico aplicada a uma teoria epistemológica (SILVA, 2016).

Falaremos também de como que David Hume, influenciou Immanuel Kant em suas ideias a respeito do empirismo, e exploraremos como que isso foi de fundamental importância para que a ideia de Kant fosse revolucionária (HUME, 2004).

Será abordado também como que Hume influenciou Kant a despertar de seu longo sono dogmático, no qual foi de fundamental importância para que a teoria da revolução copernicana tenha ganhado força para ser tão impactante para a história do conhecimento (HUME, 2004).

6.1 Notas sobre os pensadores que influenciam Kant

Conforme estamos observando, Nicolau Copérnico foi uma forte influência para Immanuel Kant. Nicolau Copérnico nasceu em 19 de fevereiro de 1473, em Torun na Polônia, recebeu uma educação diferenciada do restante da população, visto que nesse convívio não haviam muitas pessoas que compartilhavam o mesmo gosto pelo conhecimento. Com isso, ele se matricula na universidade de Cracóvia, na Polônia, em 1491, onde realizou estudos por quatro anos antes de viajar para a Itália, onde se dedicaria a estudar medicina e direito, como era de costume pela elite polonesa na época (SANTOS, 2006).

Nicolau Copérnico se dedicou a reestruturar a teoria heliocêntrica, que há tanto tempo havia sido pensada por Aristóteles e Ptolomeu, de que o sol era o centro do universo e que a terra girava em torno dele, totalmente oposto da teoria que se encontrava em vigor em seu cenário atual, de que a terra era o centro do universo e que o sol girava em torno dela, uma teoria geocêntrica (SILVA, 2016).

Quando *Sobre as Revoluções* apareceu em 1543, a obra foi atacada por teólogos protestantes que sustentavam que a premissa de um universo heliocêntrico contrariava a Bíblia. As teorias de Copérnico, concluíram, poderiam levar as pessoas a acreditar que eram meramente parte de uma ordem natural, e não os senhores da natureza, o centro ao redor do qual a natureza se organizara (SANTOS, 2006, p. 04).

O movimento visível de que se via neste cenário citado era que a Terra estava no centro do Mundo e todos os outros planetas giravam em seu torno. Esse pensamento, com a Terra no centro, nomeia-se Sistema Geocêntrico. Na falta de conhecimentos científicos, essa era a teoria mais aceita na época de Copérnico, pois ela se baseava não só em observações, mas também na religião, visto assim que o homem seria o rei das criaturas existentes, e por conta disso, deveria ocupar o centro do Mundo. Sabemos hoje, que esse sistema geocêntrico não é verdadeiro (MARCONDES, 2011).

A teoria Heliocêntrica era completamente controversa com a teoria em vigor, se pensarmos que que o homem era o centro do universo e agora seria somente mais um ser, rodeando um astro, isso mexia demais com o ego humano. Ademais, falar em teoria Heliocêntrica seria mexer com a igreja católica, que se encontrava com forte poder de opinião na época de Nicolau Copérnico. Com isso, ele deixa para publicar sua obra anos, após ela ter sido contestada (SILVA, 2016).

Devido a esta oposição clerical, e possivelmente uma incredulidade geral à perspectiva de um universo não geocêntrico, entre 1543 e 1600, menos de uma dúzia de cientistas adotou a teoria copernicana. Ainda assim, Copérnico não havia feito nada para resolver o problema mais importante que um sistema no qual a Terra gira ao redor do seu próprio eixo (e se move ao redor do Sol) confrontava, ou seja, como era possível para os corpos terrestres permanecerem presos a Terra em rotação? A resposta foi proposta por Giordano Bruno, um cientista italiano, copernicano confesso, que sugeriu que o espaço não possuía fronteiras e que o sistema solar poderia ser um de muitos outros sistemas semelhantes (SANTOS, 2006, p. 04).

Como pode-se ver, Nicolau Copérnico desafiava as leis regentes da época com a ideia da teoria Heliocêntrica. Contudo, como sabemos, hoje em dia, a teoria em vigor é a teoria heliocêntrica, no qual coloca a terra como sendo apenas mais um astro girando em torno do sol, o que nos tira o ego que tínhamos antigamente quando pensávamos que o homem era o senhor de tudo (HUME, 2004).

Entender esta ideia de Copérnico é de fundamental importância para se compreender a ideia da revolução copernicana que Immanuel Kant apresentou, pois entendemos a etimologia da palavra que participa de sua teoria (silva, 2016).

Além da influência de Nicolau Copérnico, aparece também a presença de David Hume em Immanuel Kant. David Hume nasceu em Edimburgo, na Escócia, no dia 07 de maio de 1711. Em sua vida adulta, opôs-se particularmente ao filósofo René Descartes e aos pensamentos que consideravam o espírito humano um ponto de vista metafísico. Assim, David Hume elaborou um caminho à aplicação do método experimental dos fenômenos. Dificilmente encontramos um pensamento tão influente quanto expôs em seus textos no início da época moderna (HUME, 2004).

Para David Hume, as coisas que podemos vir a conhecer tem duas origens diferentes da percepção da realidade:

Impressões: são as informações fornecidas pelos sentidos. Podem ser internas, como um sentimento de prazer ou dor, ou externas, como a visão de alguma coisa, o cheiro de um tempero ou a sensação do vento no corpo (HUME, 2004).

Vamos então tomar uma pequena liberdade e chamá-las impressões, empregando a palavra num sentido um pouco diferente do usual. Entendo pelo termo impressão, portanto, todas as nossas percepções mais vívidas, sempre que ouvimos, ou vemos, ou sentimos, ou amamos, ou odiamos, ou desejamos ou exercemos nossa vontade (HUME, 2004, p. 34).

Ideias: são as percepções representadas em nossa mente, conforme lembramos ou imaginamos algo. A lembrança de um dia chuvoso, por exemplo (HUME, 2004).

Em consequência, podemos aqui dividir todas as percepções da mente em duas classes ou espécies que se distinguem por seus diferentes graus de força e vivacidade. As que são menos fortes e vivazes são comumente denominados pensamentos ou ideias. A outra espécie carece de nome em nossa língua, assim como na maioria das outras, e suponho que isto se dá porque nunca foi necessário para qualquer propósito, exceto os de ordem filosófica, agrupá-las sob algum termo ou denominação geral (HUME, 2004, p. 34).

Para saber qual é o fundamento do empirismo, Hume precisou analisar o fundamento dessa relação de causa e consequência.

O que se pode dizer é que aqui não há nenhuma base lógica. Se tenho uma rocha em minha mão e a deixo no chão, espero que, como efeito, ela caia. Mas poderia pensar também que ficasse presa no ar ou flutuasse em direção ao céu, pode ser impossível de acontecer, contudo é concebível pelo intelecto humano (HUME, 2004).

Isso pode significar: por meio da razão, é impossível interlaçar a causa (A) e o efeito (B). São duas coisas completamente diferentes: a rocha cair da minha mão (A) e aterrissar no chão (B). Para relacionar duas percepções sensíveis, preciso primeiro tê-las experimentado, isto significa que, preciso ter a experiência ótica da pedra caindo no chão para, então, poder dizer com segurança que ela caiu porque eu a soltei (HUME, 2004).

Ao contrário, todas as impressões, isto é, todas as sensações, tanto as provenientes do exterior como as do interior, são fortes e vívidas; os limites entre elas estão mais precisamente definidos, e não é fácil, além disso, incorrer em qualquer erro ou engano relativamente a elas. Portanto, sempre que alimentarmos alguma suspeita de que um termo filosófico esteja sendo empregado sem nenhum significado ou ideia associada (como frequentemente ocorre), precisaremos apenas indagar: de que impressão deriva esta suposta ideia? E se for impossível atribuir-lhe qualquer impressão, isso servirá para confirmar nossa suspeita. Ao expor as ideias a uma luz tão clara, podemos alimentar uma razoável esperança de eliminar todas as controvérsias que podem surgir acerca de sua natureza e realidade (HUME, 2004, p. 34).

O argumento que David Hume desenvolveu sobre o empirismo foi tão convincente que despertou o filósofo Immanuel Kant de seu "sono dogmático" em sua segunda fase do pensamento Kantiano e influenciou também algumas das principais

correntes contemporâneas como por exemplo a fenomenologia de Husserl (MARCONDES, 2011).

6.2 Kant e o Despertar de seu Sono Dogmático

Kant nunca saiu de sua cidade e era famoso por ser um homem metódico no qual sempre fazia as coisas na mesma hora, conhecido pelo restante dos habitantes da cidade por sempre sair para tomar seu banho de sol no mesmo horário todos os dias e assim os cidadãos costumavam ajustar seus relógios com as vezes em que Kant aparecia (SANTOS, 2006).

Agora se situando no tempo em que o pensamento sobre a revolução copernicana foi desenvolvido, vale ressaltar que se estava tendo um grande cambio de informações devido ao surgimento do iluminismo e também sobre uma enorme transição do pensamento metafísico para o pensamento empírico na época em destaque. Entender sobre o contexto da época é de fundamental importância para que possamos entender como o pensamento do filósofo Immanuel Kant agregou para que a época tenha desenvolvido frutos tão revolucionários para o entendimento da razão humana (SANTOS, 2006).

Até o período na qual Kant está inserido, não apenas as ciências, mas o modo de se fazer ciência – incluindo a própria filosofia e metafísica – se orientavam pelo modelo em que o sujeito do conhecimento se regulava pela natureza do objeto. Esse é um ponto extremamente importante, porque a partir dessa relação sujeito-objeto e da primazia do objeto em relação ao sujeito tem se a compreensão de todo o método tradicional – anterior à Kant –, um paradigma, um modelo de se fazer ciência e metafísica. Deste modo, o sujeito precisa compreender, ou se orientar, pela natureza das coisas, ou seja, a razão tem que se regular não a partir de suas formas, mas a partir do próprio mundo e seus objetos, e apreender deles o que ela tem que construir ou elaborar em conhecimento. Em outras palavras, a razão possui um caráter meramente passivo, devendo aprender o que a natureza lhe ensina (SILVA, 2016, p. 06).

Kant (2001) alega ter sido Hume quem o despertou do longo sono dogmático em que a compreensão filosófica da causalidade estava mergulhada desde Descartes. A partir da leitura dos escritos de David Hume, principalmente no que diz respeito à causalidade, Immanuel Kant teria dito que o pensamento de causa e efeito de Hume o fez acordar do sono dogmático da razão e a começar a refletir sobre a questão e importância da empiria para os sentidos.

O ilustre David Hume foi um destes geógrafos da razão humana; julgou ter respondido suficientemente a todas essas questões, remetendo-as para fora

desse horizonte da razão, horizonte que, contudo, não pôde determinar. Deveu-se principalmente no princípio de causalidade e observou, muito justamente, que a verdade deste princípio (como de resto a validade objetiva do conceito de uma causa eficiente em geral) não repousa sobre nenhuma inteligência clara, isto é, nenhum conhecimento *a priori* e que, por isso, também não é, de forma alguma, a necessidade desta lei, mas uma simples possibilidade geral da sua utilização no decurso da experiência e uma necessidade subjetiva daí resultante, que designa por hábito, que constituem toda a autoridade desse princípio. Ora, da impotência da nossa razão em fazer deste princípio um uso que ultrapasse toda a experiência, conclui pela vaidade de todas as pretensões da razão em geral que visam ultrapassar o empírico (KANT, 2001, p. 621).

Diferente do pensamento que estava em vigor no momento em que Kant começou a desenvolver sua teoria, o racionalismo e o empirismo estavam em desavença pois não tinham acordo para explicar a realidade, por um lado vem o racionalismo afirmando que o homem é essência e por outro lado vem o empirismo explicando que o homem é fenômeno (KANT, 2001).

Kant então cria uma síntese entre o racionalismo e a experiência. Afirma que ambos têm seus pontos certos e seus pontos errados e, que devemos dar foco no jeito que fazem sentidos juntas. Assim, Kant se destaca em seu tempo, pois acaba com a briga entre racionalismo e empirismo, explicando que o sujeito tem uma forma transcendental de conhecimento que sem ele não conseguimos abstrair o conhecimento da experiência. Coloca em destaque, também, que a metafísica é algo que não podemos ter conhecimento seguro pois não é derivada da experiência, e, portanto, assim não devemos garantir que ela é fonte de conhecimento seguro (MARCONDES, 2016).

Diante do exposto, voltamos ao seguinte questionamento: como pode a metafísica ser o campo de maior interesse da razão e mesmo assim ela nunca conseguir provar uma verdade sequer? Essa é uma pergunta fundamental para Kant, e sua resposta está ligada ao fato de que a metafísica talvez não seja – e talvez nunca possa ser – um verdadeiro conhecimento. Talvez a metafísica seja um tipo de saber que não possa realmente demonstrar nenhuma verdade empiricamente (SILVA, 2016, p. 06).

Quando Immanuel Kant começou com suas leituras, tinha como base o conflito entre racionalismo e empirismo que se encontravam em total desavença no período moderno. Com isso, ele constrói um sistema de conhecimento complexo baseado em seu “despertar do sono dogmático”. Kant afirma que o objeto de estudo principal é a percepção que conseguimos montar com a experiência vivida em síntese com o método transcendental de conhecimento. Assim, surge uma de suas mais famosas teorias que ganha o nome por historiadores futuros de “Revolução Copernicana na

teoria do conhecimento de Kant”, justamente porque nesta teoria é retirado o objeto do centro do conhecimento, que até o momento era o estudo sobre a essência das coisas e acrescentada ao centro a percepção do objeto. Assim como fez Nicolau Copérnico, quando desenvolveu a teoria heliocêntrica em que consiste no pensamento de que a terra não é o centro do universo e sim apenas um planeta girando em torno do sol (MARCONDES, 2016).

É com essa reviravolta no pensamento de Immanuel Kant que podemos entender que o filósofo despertou de um “sono dogmático” no sentido em que o mesmo se encontrava dividido entre racionalismo e empirismo e após seu despertar, Kant desenvolveu a síntese em questão (KANT, 2001).

“Pensamentos sem conteúdo são vazios e intuições sem conceitos são cegas” (KANT, 2001, p. 77).

Kant faz uma síntese entre entendimento Humano e a empiria, captada através do filtro dos cinco sentidos. O autor entende que o empirismo é de fundamental importância para o entendimento, e este, é de fundamental importância para se entender o empirismo captado pela experiência. Com isso, Kant mescla o entendimento a experiência, formando uma espécie de Razão transcendental que estaria além do entendimento puro e além também do que um empirismo puro (KANT, 2001).

Diante desta proposta que Kant faz de que o conhecimento não seria mais do jeito tradicional em que estava baseada na época em questão, a metafísica se coloca em destaque, pois até o momento, a metafísica não tinha uma utilidade como a matemática ou a lógica, que se poderia utilizar para se construir algo sólido e útil. Até o momento, a metafísica estava em alta, contudo, não estava embalsada em uma base lógica para se ter sustento. Sempre se levando a retomar seus fundamentos, pois não houve um consenso sobre quais métodos aplicar ao objeto de estudo. Digamos então, que Kant colocou raízes empíricas na metafísica, e assim a propôs que se aplicasse um método lógico para o estudo da metafísica. Tal método, chega à conclusão de que a metafísica por si, é algo impossível de se alcançar, a mesma precisa estar apoiada em lógica para que se possa construir a razão humana, que é a junção de faculdades *a priori* e sensações *a posteriori* (KANT, 2001).

Podemos evidenciar esta proposta de Kant sobre a metafísica novamente voltando ao segundo prefácio da crítica da razão pura:

O destino não foi até hoje tão favorável que permitisse trilhar o caminho seguro da ciência à metafísica, conhecimento especulativo da razão completamente à parte e que se eleva inteiramente acima das lições da experiência, mediante simples conceitos (não, como a matemática, aplicando os conceitos intuição), devendo, portanto, a razão ser discípula de si própria; é, porém, a mais antiga de todas as ciências e subsistiria mesmo que as restantes fossem totalmente subvertidas pela voragem de uma barbárie, que tudo aniquilasse. Na verdade, a razão sente-se constantemente embaraçada, mesmo quando quer conhecer *a priori* (como tem a pretensão) as leis que a mais comum experiência confirma. É preciso arrear caminho inúmeras vezes, ao descobrir-se que a via não conduz aonde se deseja; e no que respeita ao acordo dos seus adeptos, relativamente às suas / afirmações, encontra-se a metafísica ainda tão longe de o alcançar, que mais parece um terreiro de luta, propriamente destinado a exercitar forças e onde nenhum lutador pôde jamais assenhorear-se de qualquer posição, por mais insignificante, nem fundar sobre as suas vitórias conquista duradoura. Não há dúvida, pois, que até hoje o seu método tem sido um mero teste e, o que é pior, um teste apenas entre simples conceitos." (KANT, 2001, p. 44)

Feita esta Crítica ao estilo de pensamento que estava em vigor, Kant propõe que esta Razão que une a ideia de entendimento com experiência, seja o novo modelo de conhecimento seguro por diante. Pois agora, não teria um mais importante que o outro, os dois tipos de processo de conhecimento devem trabalhar juntos para que se tenha o conhecimento claro e distinto sobre determinado objeto, e assim as informações do objeto teriam que se adequar ao processo de entendimento para que se haja conhecimento (KANT, 2001).

E desta forma, o homem volta a ser o centro de tudo, dando espaço a era moderna iluminista, a qual coloca o homem como o grande pilar da existência, tendo assim grandes ramificações futuras nas teorias de filósofos contemporâneos, além de interferir, também, no método no qual o homem lê a vida em outras áreas do conhecimento, como a matemática e a lógica (HUME, 2004).

7. HERANÇAS DE IMMANUEL KANT

Immanuel Kant deixou raízes fixadas no conhecimento através de sua revolução na história do pensamento, graças à ideia de colocar o sujeito no centro do objeto de estudos. Ideias contemporâneas puderam criar base para seus pensamentos e assim ganhar força para poder criar um caminho seguro (KANT, 2001).

Agora que entendemos também que a metafísica não pode ser conhecida pelo sujeito, temos um foco maior para poder entender com propriedades como funciona o processo do conhecimento a partir do pensamento do sujeito, e com isso, o pensamento se torne mais claro em relação ao como o processo do conhecimento se faz presente em nossas vidas (HUME, 2004).

Não resta dúvida de que todo o nosso conhecimento começa pela experiência; efetivamente, que outra coisa poderia despertar e pôr em ação a nossa capacidade de conhecer senão os objetos que afetam os sentidos e que, por um lado, originam por si mesmos as representações e, por outro lado, põem em movimento a nossa faculdade intelectual e levam-na a compará-las, ligá-las ou separá-las, transformando assim a matéria bruta das impressões sensíveis num conhecimento que se denomina experiência? Assim, na ordem do tempo, nenhum conhecimento precede em nós a experiência e é com esta que todo o conhecimento tem o seu início (KANT, 2001, p. 62).

Diante disto, podemos concluir que a revolução copernicana de Kant, foi uma enorme passo para o desenvolvimento do método prático do conhecimento, justamente porque no método de Kant damos o foco no como o sujeito interpreta sua realidade, e dessa forma deixamos de lado perguntas que são de cunho metafísico, no qual até o momento da história estava tendo grande foco (MARCONDES, 2016).

Se, porém, todo o conhecimento se inicia com a experiência, isso não prova que todo ele derive da experiência. Pois bem poderia o nosso próprio conhecimento por experiência ser um composto do que recebemos através das impressões sensíveis e daquilo que a nossa própria capacidade de conhecer (apenas posta em ação por impressões sensíveis) produz por si mesma, acréscimo esse que não distinguimos dessa matéria-prima, enquanto a nossa atenção não despertar por um longo exercício que nos torne aptos a separá-los (KANT, 2001, p. 62).

Vimos na citação acima que abandonar a metafísica não foi o único passo no qual a revolução de Kant nos proporcionou. Sua reflexão a respeito do conhecimento nos iluminou a ideia de que o pensamento precisa ser derivado da experiência em comunhão com a razão (KANT, 2001).

7.1 O mundo afetado por Kant e a valorização de seu pensamento

Como nessa época o pensamento metafísico medieval foi deixado de lado, lacunas no conhecimento foram largadas por respostas que não poderiam ser respondidas. Contudo, os iluministas, acreditavam que esse tipo de resposta estava presente na natureza e também no próprio indivíduo, sendo possível descobri-lo por meio da razão (MARCONDES, 2011).

O movimento iluminista que estava em vigor na época, teve a proposta de colocar o homem como centro do objeto de estudos para descobrir jeitos novos de se chegar ao progresso. O principal objetivo dos estudiosos desta época era a busca da felicidade humana. Rejeitavam a injustiça, a intolerância dos religiosos e os privilégios. Pela promessa de livrar a humanidade das trevas e trazer a luz por meio do conhecimento, esses filósofos que se destacaram foram chamados de iluministas (MARCONDES, 2016).

Quando colocamos o homem no centro do conhecimento, colocamos também perguntas mais complexas, já que as respostas anteriores foram deixadas de lado, e agora não temos mais uma base transcendental para que possamos apoiar nossa existência. Com isso, o homem passou a valorizar o método de se realizar o fenômeno e não a causa do fenômeno em si, ou seja, aprendemos a valorizar o jeito de se construir uma mesa, mas não valorizamos a origem da matéria prima, uma vez que a mesa a se encontra disponível para o uso (KANT, 2001).

Contudo, coisas materiais são predestinadas ao seu uso, ou seja, a mesa está sendo criada para que possamos coloca nossos pratos e poder se alimentar sobre ela. Quando se fala do ser humano, o mesmo não tem uma causa, ou seja, o ser humano foi criado para qual objetivo? E como vamos responder a essas perguntas em uma época onde foram abandonados os métodos transcendentais e foi valorizado o método do conhecimento humano? (ARENDS, 1997).

É válido lembrar que, sem a contribuição que Immanuel Kant proporciona na história do conhecimento, não seria possível a existência e tantas correntes filosóficas fenomenológicas que existem hoje na época contemporânea, como também se tornaria praticamente impossível se pensar em ciências exatas como matemática, física e química já que as mesmas são de cunho empírico experimental, com isso ressaltado que essa revolução citada é uma das reviravoltas mais importantes que já aconteceram no pensamento humano (HUME, 2004).

Acompanhamos no decorrer deste trabalho que Kant teve influências de seu âmbito social para que sua teoria fosse feita. Ele estava localizado em um momento da história que a metafísica por si já não estava dando conta de responder a realidade e precisava de algo a mais para se apoiar, pois, os grandes pensadores até o momento chegavam sempre na mesma conclusão de que o homem deve conhecer a verdade das coisas partindo da essência de cada uma delas. O que não é certo aos olhos da ciência, que está baseada em fatos e experimentação dos fenômenos. Diante disto, podemos afirmar que a crítica de Kant ao pensamento em vigor da época é sim uma grande revolução para a história da humanidade, pois sem esta síntese que Kant promove no conhecimento, não teríamos base para grandes pensamentos que vieram depois da época moderna (MARCONDES, 2016).

No uso transcendental da razão, pelo contrário, a opinião é, de certo, pouco demais, a ciência, porém, demasiado. Não podemos aqui de forma alguma julgar, do ponto de vista simplesmente especulativo, porque os fundamentos subjetivos da crença, como aqueles que podem produzir a fé, não merecem crédito algum nas questões especulativas, visto não se poderem manter livres de toda a assistência empírica, nem comunicar-se aos outros no mesmo grau (KANT, 2001, p. 663).

Kant então revoluciona o jeito de se pensar, aonde, até o momento estava faltando um pequeno passo para uma reviravolta no pensamento, com sua teoria do conhecimento inovando o método utilizado para se adquirir conhecimento (PASCAL, 1992).

Sem este passo, a humanidade não teria a técnica aprimorada com base na razão e o empírico conforme Kant propõe. E assim, os modos de se pensar com base na ciência, que utiliza experimentos empíricos, estariam em constante conflito com o jeito de se pensar baseado somente na razão, e não teria como haver base para o conhecimento seguro transcendental (SANTOS, 2006).

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Hipótese que esse trabalho apresenta é que a teoria de Copérnico em Kant tenha sido um avanço para se desenvolver melhor o caminho seguro da ciência e também como a razão pode descobri-lo. Pois o conhecimento em si é algo que é digno do ser humano. E, somente ele, poderia ter acesso ao mesmo pelo fato de ser, “ser humano”. Contudo, anteriormente ao pensamento iluminista, a humanidade era inerte ao conhecimento por conta de princípios metafísicos. Assim, após o pensamento de Kant, que colocou o homem como alvo do conhecimento, a razão técnica teve um avanço enorme para a humanidade, na questão do desenvolvimento de melhorias para a vida humana.

Nicolau Copérnico foi um dos precursores do uso técnico da razão, em sua teoria Heliocêntrica, contrariou pensadores da época que acreditavam na teoria Geocêntrica, que era a terra o centro do universo. Vale destacar que pensadores influentes desta época eram em grande parte da igreja católica e, nesta fase medieval, “idade das trevas” a igreja tinha um papel preponderante na estrutura da sociedade, impondo seus conceitos e crenças na cultura. Acreditava-se fortemente na metafísica e em um ser criador de tudo e de todos, no qual inseria na mente do ser humano, sua imagem e semelhança. Dessa forma, a ideia de Nicolau Copérnico não foi muito bem aceita para a época, tendo ainda sido acusado de heresia pela igreja, obrigando-se a negar a sua teoria heliocêntrica que, tempos depois da sua morte, em estudos acerca de seus textos que sua teoria fazia o completo sentido.

Como nessa época, o pensamento metafísico foi deixado de lado, lacunas no conhecimento foram deixadas, e assim vieram a tona perguntas que não poderiam ser respondidas. Contudo, os iluministas acreditavam que esse tipo de resposta estava presente na natureza e também no próprio indivíduo, sendo também possível descobri-lo por meio da razão, isso nos faz pensar no tema no qual foi aprofundado o estudo sobre o tema deste projeto.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
- ANDRÉ, Marli Eliza D. A.de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Tradução, Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1997.
- HUME David. **Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral**. Tradução por Jose Oscar de Almeida Marques. São Paulo. Editora UNESP, 2004, p. 34.
- KANT, Immanuel. **Os pensadores**. Tradução de Valerio Rohden e Udo Baldur Moosbusrger. São Paulo. Npva Cultural, 1987.
- _____. **Crítica da razão pura** 5º edição. Trad: Manuela Pinto e Alexandre Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2001.
- _____. **Crítica da razão pura**. Tradução de Manuela Pinto Dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Introdução e notas de Alexandre Fradique Morujão. 5ª ed. Coimbra: Fundação Calouste, 2001.
- _____. **Fundamentação Da Metafísica dos Costumes**, Trad: Guido Antonio de Almeida. São Paulo, Barcarolla, 2009.
- MARCONDES, Danilo. **Textos de filosofia: dos Pré-socráticos a Wittgenstein**. 7º ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2011.
- _____. **Textos básicos de filosofia e história das ciências: a revolução científica**. Rio de Janeiro, Zahar, 2016.
- PASCAL, Georges. **O pensamento de Kant**. Introdução e tradução de Raimundo Vier. 4º Edição. Petrópolis, 1992.

SANTOS, Maciel de melo. **Gênios da Ciência**: A visão de mundo de Nicolau Copérnico, Galileu Galilei e Johannes Kepler; UNIMESP – Centro Universitário Metropolitano de São Paulo, 2006, p.4.

SILVA, Felipe. **A Revolução Copernicana na Filosofia de Kant**: breves considerações a partir do prefácio da segunda edição da Crítica da Razão Pura. Enciclopédia | Pelotas, vol. 06. 2016